

correntes de espiritualidade exacerbada e angustiante, que, pontualmente, vão marcando a atribulada história da humanidade. Em contrapartida, neste findar de Milénio, toda a doutrina da Igreja se dirige no sentido de entusiasmar os crentes, fortificar os cristãos a retomar o optimismo da salvação e a empenhar-se no estabelecimento do verdadeiro Reino de Deus em Cristo, “Reino de verdade, de justiça, de amor e de paz”. Assim se faz a glória de Deus e a salvação do Homem, a celebração do “ano de graça do Senhor”, o incarnacionismo humanista autêntico segundo o programa de Jesus na Sinagoga de Nazaré! (Lc. 4, 16-30).

GERALDO J. A. COELHO DIAS, OSB/FLUP

Antoine-Frédéric Ozanam (1813-1853): o leigo cristão *

A figura do co-fundador e sócio activo da Sociedade de São Vicente de Paulo marcou um estilo de vida verdadeiramente precursor pela espontaneidade evangélica com que se deixa conduzir pelo Espírito Santo nas tensões da sua vida. Este estilo foi agora confirmado pela Igreja com a recente beatificação ¹, que tornou Ozanam modelo de identificação do laicado católico.

Os traços com que podemos definir hoje um leigo cristão não habitavam a mente dos contemporâneos de Ozanam, mas a força enérgica, com que irrompe em resposta ao tempo pós-Revolução Francesa, gera, na personalidade cristã do apóstolo do amor aos pobres, as características fundamentais do que viria a classificar-se como um fiel leigo.

Neste artigo pretendo, antes de mais, salientar as linhas típicas da espiritualidade emergentes no século XIX, campo iniciador da colheita conciliar do século XX. A vitalidade das gerações de oitocentos revela-se nos espíritos mais disponíveis, apontando, ainda que em esboço, a imagem do leigo cristão.

* Este artigo resulta de uma conferência pronunciada na Sessão solene comemorativa, na Biblioteca do Seminário Maior do Porto, promovida pela Sociedade S. Vicente de Paulo, no dia 26 de Outubro de 1997.

¹ NOS MURO, Luis – De la Universidad a los altares: a la Frederico Ozanam, catedrático de la Sorbona y defensor de los pobres. *Religión y Cultura*. 43: 201 (1997) 421-428.

1. Ozanam: o católico liberal do século XIX e o precursor do apostolado laical do século XX

O século XIX é efervescente de revoluções, fértil em insurreições e guerras, abundante em alternâncias de regime. Na primeira metade são ecos da Revolução Francesa (1789), levantamentos liberais a rebater a sobrevivência do Antigo Regime. Ao aproximar-se o meio do século sentem-se os movimentos pela democracia. Vão prosseguir nas lutas sociais, após a Revolução Industrial geradora do movimento operário².

Quando Ozanam dá os primeiros passos, a ideia de Restauração avançava como contra-revolução, embora as novas Constituições integrassem as perspectivas liberais proclamadas: liberdade de opinião, liberdade de culto, de imprensa, fim dos privilégios e igualdade civil de todos perante a lei. Se 1815 é data de armistício após a agitação, a oposição entre os ultras, desejosos de regressar ao Antigo Regime, e os liberais, defensores dos ideais da Revolução e contrários a compromissos, vai animar os tempos até 1848. Há um catolicismo que adere ao Liberalismo, apesar de geralmente impregnado de anti-clericalismo. Lacordaire e Montalembert são expoentes desta corrente de católicos liberais, na qual também se inscreve Ozanam.

O Liberalismo é uma perspectiva global da sociedade. Além da dimensão económica atinge a filosofia política e marca todos os aspectos da vida, pretendendo responder à generalidade dos problemas com a ideia de liberdade. O Liberalismo é uma filosofia social individualista, porque coloca o indivíduo acima da razão de Estado, desconfia do fenómeno de associação por receio dos corpos e ordens antigos, absorventes dos indivíduos. No plano do conhecimento rejeita-se o método da autoridade e crê-se na descoberta individual e progressiva da verdade. O Liberalismo traz um fermento subversivo, suscita generosidades, movimenta ideias, provoca luta por grandes causas, situado quer contra a conservação, quer contra o radicalismo. Aqui se insere a relação com o fenómeno religioso.

² Sobre o período ver, por exemplo: RÉMOND, René – *Le XIXe. siècle 1815-1914*. Vol. 2. Paris: Seuil, 1974; CORETH, E.; EHLEN, P.; SCHMIDT, J. – *La filosofía del siglo XIX*. Barcelona: Herder, 1987.

A descristianização é, de facto, um fenómeno paralelo à laicização do Estado, à questão religiosa e à secularização da sociedade civil. A regressão da prática religiosa revela um estado de espírito de desinteresse e indiferença, antecedido por uma política anti-clerical, por legislação anti-religiosa, por medidas contra as instituições da Igreja. Certamente que a lentidão das instituições em compreender o seu tempo, bem como as questões no terreno concreto, coadjuvaram ao crescimento da descristianização.

Durante os anos de formação, Ozanam está rodeado de uma juventude irreligiosa e aí conserva a firmeza edificante de estudioso promotor de conferências de história, pelas quais combate os opositores da fé, frequentador dos mais influentes agentes de opinião católica (Lamennais, Montalembert, Chateaubriand, Lamartine) e também alegre participante das “tainadas” dos camaradas das colónias dos estudantes de Lião. Conta os passeios ao luar, a reunião em sua casa, onde 22 colegas passam das 19.30 às 2.30 da manhã a beber punch, a saborear gelados e a jogar à cabra cega. A seriedade alternava com divertimento, a brincadeira com a meditação, sempre animado de uma fé intensa e uma vontade de lhe dar expressão concreta. Tem lucidez e coragem para enfrentar o seu tempo. Para além desta tensão do tempo, Ozanam era influenciado por uma ambiência religiosa. Vejamos algumas notas da espiritualidade oitocentista.

A dimensão individualista revelava-se na ausência do sentido comunitário na vivência cristã. A salvação pessoal estava em primeiro lugar envolvida numa perspectiva indulgencialista da piedade. Valorizava-se mais a relação privada com Deus do que o sentido litúrgico e a vivência do mistério eclesial. Até a caridade era mais encarada como assistência e beneficência. Não primava pelo sentido social. Desta dimensão decorria outra: a moralista. Caracterizava-se como doutrinariamente fraca e negativa, com tendência para exaltar o prático e o activo através de obras de apostolado, de caridade, de propaganda. A sensibilidade romântica da época exagerava o sentimentalismo, cultivava uma pregação que deliciava os auditórios pela eloquência maravilhosa, afectiva.

Esta mentalidade romântica restaurou e deu um ar lírico e piedoso ao culto do pobre, embora viesse já do cristianismo antigo. Há mais compaixão paternalista que parece justificar o «pobre» para o

rico poder exercer a virtude da caridade, do que sentido real do problema social da pobreza.

As Conferências de São Vicente de Paulo, inserindo-se neste contexto ultrapassam-no. Não levavam apenas donativos, visitavam fraternalmente, criavam amizade, tentavam instruir, procuravam emprego, solucionavam problemas.

Ozanam é um homem do seu tempo. É da época romântica pela verbosidade carregada de sentimentos. As suas concepções sobre os problemas e as expressões para as transmitir parecem-nos muitas vezes ultrapassadas. Mas Ozanam não está apenas próximo dos seus contemporâneos. Está também longe e por isso é precursor. É inquieto e atormentado, dado às pequenas satisfações da vida, mas com um calor, um afecto, uma disponibilidade benevolente, uma caridade ilimitada, um humor delicado que transparece na sua fragilidade, um amor que inspira hoje o nosso dever de encontrar em novas concepções, expressões da mesma radicalidade.

O revigoramento espiritual, o rebotar de energias, após as provas do iluminismo, do jansenismo e dos ataques da Revolução Francesa, é favorecido pelo clima de liberdade e desenvolvimento do sentimento religioso dentro do espírito romântico. Este ambiente valorizou o homem inteiro, afirmou a importância da natureza e salientou o valor da história³.

Um dos factores do despertar religioso do século XIX foi o movimento laical. Grandes pensadores contribuíram, no campo doutrinal, para dar aos fiéis o seu lugar, torná-los conscientes dos seus direitos e deveres, criando associações culturais e caritativas. É neste quadro que se inscreve o papel de Frédéric Ozanam, iniciador e animador do apostolado laical.

É hoje teologicamente consensual que os cristãos, em força do Espírito actuante no Baptismo, são consagrados a Deus mediante Jesus Cristo. A santidade de Deus transforma a pessoa, orienta-a para uma vida de verdadeiro louvor e glória, transfere para o serviço de Deus toda a carga de humanidade de cada homem e mulher, destina o sentido radical da existência para domínio exclusivo de Deus. Em cristianismo é a própria existência concreta, vivida em Cristo, a forma de

³ Cf. VELOCCI, G. – *Crisi e rinascità della spiritualità*. Roma: Studium, 1982, p. 34-35.

santidade. A concepção da consagração ou da santidade para os cristãos passa pela oferta a Deus da vida e do mundo. Os cristãos são chamados a viver a secularidade do mundo de modo santo, porque a realidade do mundo é santa, é louvor de Deus, apesar dos impulsos de rebelião mundana, das forças de desagregação que aparecem como concorrentes a Deus na atracção da vida.

À construção do tecido secular da história nenhum baptizado pode escapar, mesmo optando por um estado de vida de radical consagração. Amar o mundo de modo puro, aprender a amá-lo como Deus, com amor salvador que derrama graça, é tarefa de qualquer baptizado. Ozanam optou pela secularidade, como modo de relacionamento com o mundo: na vertente da profissão, do estado de vida familiar, do compromisso eclesial⁴. São estas três dimensões que iremos desenvolver, porque as mais evidentes da marca laical da sua escolha. Não lhe bastou viver no cerne do mundo do seu tempo, fosse intelectual, existencial ou eclesial. Viveu de modo autenticamente cristão essa presença activa e consciente no seio do mundo.

2. A Profissão e o Trabalho

Desejava o seu pai que fosse advogado. Aceita o desafio vivido, com alguma tensão interior. Estudante de Direito em Paris, via neste caminho a possibilidade de apoiar a família, mas a propensão para as

⁴ Para uma visão mais global da biografia consultar os recentes estudos: DES RIVIÈRES, Madeleine – *Ozanam: un savant chez les pauvres*. Paris: Le Cerf, 1984. 165 p.; ROMÁN, José Maria – *Frederico Ozanam: precursor da actual teologia do laicado*. Trad. Adelino de Ornelas. Madrid: [s.l.], 1990. 36 p.; CONZEMMIUS, Victor – *António Frederico Ozanam: solidariedade em vez de luta de classes*. Trad. Adelino Ornelas. Lisboa: [s.l.], 1991. 32 p.; FORSANS, Georges – *Frédéric Ozanam: 1813-1853. Um precursor do nosso tempo na fidelidade ao Evangelho*. Trad. de Adelino de Ornelas. Lisboa: Rei dos Livros, 1993. 156 p.; Destaca-se o *Cahiers Ozanam*. 134 (nº especial) (1996) que é dedicado a Ozanam; BRUNEL, Pierre – *Frédéric Ozanam et l'enseignement des littératures étrangères. Cahiers Ozanam*. 134 (1996) 75-98. Entre as obras de Ozanam foram editadas algumas cartas em português. A edição original foi publicada lentamente: *Correspondance*. Tomo 1. Paris: Blond et Gay, 1960 e o quarto e último em Paris: Klincksieck, 1993; BRANDÃO, Diogo Castelbranco de Paiva – *Algumas Cartas de Ozanam seleccionadas e comentadas: outros escritos vicentinos*. Lisboa: Ed. do Autor, 1996. 359 p.

Letras era vivida em simultâneo. Numa visita a Itália pôde ver as pinturas de Rafael no Vaticano e ficou surpreendido pela presença, no quadro intitulado *Disputa do SS.mo Sacramento*, de um leigo com coroa de louros na cabeça. Vê aí o poeta Dante. Interroga-se sobre o sentido desta figura em contexto eclesiástico. No meio de testemunhas da fé, porquê? A procurar a resposta gastou quatro anos de investigação. Nós hoje não temos a mesma estranheza, nem precisamos de tanta busca para aceitar o leigo Ozanam entre as figuras propostas pela Igreja como modelo de vida.

Licenciado em Direito, em 1834, e em Letras, em 1835, obtém o doutoramento em Direito, no ano de 1836, e regressa a Lião. A barra do tribunal não estava para o seu ideal e o ambiente do exercício da justiça indignava-o. Esperava a cadeira de Direito Comercial que constava se criaria em Lião. A 14 de Outubro sofreu o golpe da morte de sua mãe. O pai tinha falecido em 1837. Da mãe recebera graça, bondade e piedade.

Havia uma vaga para uma cadeira na Universidade. Os outros concorrentes já se preparavam há um ano. Restava-lhe pouco tempo e lança-se ao trabalho: dezoito horas por dia. É o primeiro classificado. Opta pela suplência do seu antigo mestre Fauriel, na Sorbonne, em vez da sucessão de Quinet na cadeira de Literatura Estrangeira, na Faculdade de Letras de Lião. Fauriel tinha sido seu mestre, ainda que com princípios opostos a Ozanam.

Como vive este lugar de advogado? Em Novembro de 1836 inicia a profissão de advogado em Lião, consciente de cumprir, mas sentindo o ambiente “irrespirável do tribunal”. Era criticado por defender com vigor causas de indigentes. Ozanam cheio de indignação pergunta para responder: será que o exercício da justiça e a defesa do pobre serão passivos de comédia? A cada momento vai crescendo a sua aversão à imundície que o rodeia. Cada vez que regressa do tribunal se sente mais profundamente magoado. Para atenuar esta tensão vai preparando a tese sobre a filosofia de Dante, que defende em 1839, tornando-se doutor em Letras.

Como professor na Sorbonne dá azo à sua paixão pela investigação e pelo ensino. Revela-se o orador vibrante e sensível, plenamente romântico na imaginação que retira a singeleza à convicção interior e marca com efeitos eloquentes a pompa da prosa.

É um professor sério, cuidadoso em preparar cada lição, reunindo o material na mente, trabalhando-o com ardor. Embora tímido e atrapalhado no gesto, receoso no olhar, de voz baixa e pouco modulada, rasgava o silêncio e despertava no auditório um magnetismo próprio de um coração de fogo. Tinha a capacidade de convencer pela ternura e sonho da sua inteligência poética. O célebre Renan, quando seu aluno, declara acima de qualquer suspeita: “Nunca saio destas lições sem estar mais forte, mais decidido, maior”⁵. Outro testemunho do conhecido Lamartine: “Havia à volta de Ozanam como que uma atmosfera de ternura pelos homens. Respirava e aspirava não sei que ar balsâmico que tinha atravessado o Velho Eden. Cada uma das suas respirações e aspirações nos tomavam o coração e nos davam o dele”⁶.

No meio universitário não era fácil servir o ideal cristão católico. Um estudante escreveu no quadro da sala onde Ozanam devia dar aula: “Reverendo Pe. Ozanam, curso de Teologia”. Era a reacção perante um professor leigo que não era adversário, como acontecia na generalidade, ao cristianismo. Ao jovem atrevido do escrito no quadro respondeu “Não tenho a honra de ser teólogo, mas tenho a honra de ser cristão”. Como apenas suplente, Ozanam corria riscos na sua carreira, mas não deixava de ser homem da verdade. O seu nome vai sendo reconhecido. É membro da Academia Tiberina de Roma, em 1841, e da Academia das Arcadas de Roma, em 1842. Quando em 1844 fica vaga a cadeira, os conselhos da Universidade optaram por unanimidade a favor de Ozanam. Ouçamos o próprio Ozanam apontar a razão profunda e o sentido autêntico do seu ensino, entendido como verdadeira missão e serviço da fé, pelo enfrentar das questões e não pela parcialidade dos posicionamentos:

“Quem teria a coragem de tocar nos pontos mais misteriosos da história, de subir até às origens dos povos, de contemplar o espectáculo das religiões, sem tomar partido sobre as questões que elas eternamente agitam? E quem pode tomar tal partido, sobretudo num século de dúvida e controvérsia sem que o seu espírito se encha dele e a sua palavra se comova? Apenas duas coisas se podem pedir ao escritor: primeiro, que a sua convicção seja livre e inteligente e

⁵ Cf. FORSANS, p. 81.

⁶ Cf. *Ibid.*, p. 81.

o cristianismo não quer outra coisa; é a adesão racional que pede S. Paulo. Segundo, que o desejo de justificar uma crença não o leve a desfigurar os factos e a omitir os testemunhos duvidosos e de consequências pré-concebidas”⁷.

O grande esforço de Ozanam foi dedicado às origens da civilização cristã. Tentava descobrir como é que a Igreja educou os povos modernos, mostrando o estado cultural na época do advento do cristianismo e vendo o que foi recolhido da antiguidade, prosseguindo até ao século XIII. Terminava na *Divina Comédia*. Portanto, é à Idade Média que aplica todo a atenção do seu estudo. Viajava à Alemanha e à Itália para compulsar as fontes, transcrever documentos, consultar bibliotecas. Era necessária uma sólida erudição para uma séria análise e nova interpretação. Prepara os seus cursos com consciência extraordinária.

Mostra eloquente é o seu trabalho por conciliar Igreja e Liberdade, ciência e fé. Quando tem de lutar pelo lugar na Sorbonne reza para que as entrevistas, as visitas, o jogo das influências seja recto, verdadeiro, onde nada fira os princípios, de modo que se tiver sucesso nunca sinta má consciência, e se tiver fracasso encontre resignação e fortaleza⁸.

Como profissional Ozanam demonstra ser um modelo de consciência, um trabalhador heróico. Foi modelo de escrúpulo e de modéstia, não se satisfazendo do que estava já feito, dito ou escrito. O seu sogro reprovava-o de tanta fadiga, mas Ozanam reprovava-se de se distrair, ser lento e de perder tempo. Foi modelo de clareza na exposição, aprendendo nos mestres medievais que aprofundou.

Ao ser professor de amplos horizontes e entusiasta defensor da verdade que procura e da beleza que anseia com todo o coração, torna-se um profissional exemplar. Não se compromete na Igreja para esquecer fracassos profissionais, nem se serve de ser homem da Igreja para esconder a incompetência profissional. Revela o seu sentido laical, antes de mais, pelo cabal exercício do seu trabalho.

⁷ *Ibid.*, p. 82.

⁸ Carta de 19 de Agosto de 1844. Cartas, II, p. 598.

3. Estado de vida: casamento, mistério amplamente meditado

Após a sua licenciatura Ozanam começa a debater-se com a opção pelo estado de vida. O matrimónio é uma eventualidade possível. Sente a atracção dos dominicanos, através do amigo Lacordaire. Mas reflecte e chega a esboçar o perfil de mulher que antevê:

«desejo que ela traga consigo os necessários encantos exteriores para que não dê lugar a qualquer arrependimento, mas rezo sobretudo para que traga uma excelente alma, uma grande virtude, para que valha mais do que eu, me atraia para o alto e não me faça descer, que seja generosa, pois muitas vezes sou pusilânime, que seja fervorosa, pois sou túbio nas coisas de Deus, que seja compreensiva para que não tenha que me envergonhar perante ela pela minha inferioridade»⁹.

Se Lacordaire reagiu mal à opção de Ozanam revelando alguma amargura, o seu amigo padre Noirot, professor no Colégio Real de Lião, faculta uma relação com a filha de Soulacroix, reitor da Academia de Lião, e Ozanam gostou da rapariga que viria a ser sua mulher: Amélia Soulacroix. O que mais encantou Ozanam na sua noiva foi a forma devotada como ela tratava de um seu jovem irmão doente. Viu um coração que batia ao seu ritmo. Partilha as inquietações, os sonhos, os sucessos. De momento, o casamento não podia fazer-se. Ozanam estava em pleno concurso. Só a 23 de Junho de 1841, aos 28 anos, Ozanam viria a celebrá-lo. Amélia tinha 20 anos. A lua-de-mel foi vivida numa viagem à Itália por mar: Génova, Nápoles, Sicília, Roma. Todos os dias 23 de cada mês, até ao fim da vida, exprimia uma especial ternura pela sua mulher. Oferecia-lhe flores, sem nunca faltar. Nas suas cartas haverá, a partir daqui, uma terna referência à esposa que se associava à sua vida toda. Em Julho de 1845 nasce a filha Maria.

Vive corajosamente a vida familiar, alternada com os cursos da Sorbonne e preparação das Conferências de S. Vicente de Paulo. Além dos estudantes, também atendia os operários da Sociedade de S. Xavier

⁹ Carta a Curnier, 20 de Outubro de 1835. Cartas, I, p. 167-168.

e todos os Domingos, na cripta de S. Sulpício, lhes explicava o sentido da acção de Deus na sua vida.

Os primeiros anos de vida familiar não foram fáceis. Ozanam teve de encarar simultaneamente várias questões: conquistar a Cátedra, encontrar alojamento e atender aos problemas dos sogros.

Passados estes momentos gozará de bela harmonia familiar, em alegria bem humorada, em serena poesia. Infelizmente a doença de Ozanam não permite alongar por muitos anos esta vivência familiar feliz.

Ao abrir o seu testamento Amélia pôde ler: «à minha terna Amélia, que fez a alegria e a atracção da minha vida e cujos cuidados tão doces consolaram desde há um ano os meus males, eu dirijo um curto adeus como a todas as coisas da terra. Agradeço, abençoo e espero. Só no céu poderei dar-te tanto amor como mereces».

Amélia sentia a alma vicentina de Ozanam, vibrava com o crescimento das Conferências, partilhava o amor pelos pobres, socorria alguns infelizes e aceitava viver numa casa austera.

No seu testamento agradece a herança espiritual recebida da família. A piedade dos pais era sólida em tempos conturbados, a sua fé era firme em difíceis momentos, permitindo a Ozanam vir a possuir um espírito esclarecido, aberto e inovador. Procedente de uma família, na qual recebeu uma educação carinhosa e plena de natural harmonia, veio a constituir ele próprio um lar onde reinava a serenidade necessária ao seu múltiplo agir e onde alimentava o calor da sua total dedicação a Deus e ao bem comum da sociedade.

4. O compromisso eclesial e apostólico: animação cristã do mundo

Como acontece com qualquer leigo comprometido, que seja consciente da sua missão apostólica, a profissão e o apostolado, a família e o apostolado, tornam-se inseparáveis. Também em Ozanam há interdependência, desde muito novo, nestas várias dimensões. Não podemos reduzir a sua figura à acção caritativa que o tornou célebre. Era uma figura de amplos interesses, com gosto pelos assuntos públicos, pela

política e pelo jornalismo, além do já referido ensino, onde prosseguiu o projecto apostólico de conciliar ciência e fé.

A juventude burguesa com quem convivia era atraída pela indiferença religiosa e tentada pela imoralidade. Sentiu o debate interior, foi abalado pela crise. A ajuda do padre Noirot, seu professor de filosofia, foi essencial. Guardou-o com mão de mestre e pô-lo no caminho do diálogo com o mundo, do confronto com o racionalismo voltairiano pagão e da confiança no futuro.

Descobriu que servindo a Igreja pela acção caritativa era um 'sinal de Deus'. Começa a reflectir sobre os pobres, a deixar-se evangelizar por eles, a reconhecer que havia uma luta pela justiça a travar, uma conversão dos corações a operar e uma caridade a concretizar.

Ultrapassada a crise de fé, o estudante ávido, curioso, consegue ter já o projecto espiritual e apostólico de lutar contra a incredulidade entre os seus colegas. Começa a responder, aliado a quem pensa como ele, aos ataques às verdades de fé, feitos por alguns professores da Sorbonne. Suscita reuniões ou conferências de formação com intelectuais católicos do grupo de Lammenais. A defesa da fé constituía o grande objectivo deste grupo. Ao organizarem as *Conferências da Caridade* pretendem traduzir o cristianismo em atitudes, reconhecendo nos pobres irmãos seus.

Tem todo o respeito pela Igreja, pelo seu ensino e hierarquia, e particularmente pelo Papa, mas não tem olhos tapados para os avanços da época. Admirando Lamennais, não partilha da sua revolta e lamenta a sua condenação, reveladora da falta de confiança em Deus. Perante as perseguições anti-clericais não diminui a sua fidelidade à Igreja e apela à esperança. Acredita no *Apostolado dos Leigos*¹⁰.

É esta capacidade de ler o que se passa, mesmo rodeado de incompreensão, que tanto nos ensina. Vê e é discreto. Percebe e não se revolta. Lamenta sem amargura. Compreende serenamente.

No domínio político e social os leigos deviam assumir responsabilidades e libertar a Igreja hierárquica de compromissos. Em 1839 já defendia a separação entre o princípio religioso e as ideias políticas no meio das quais vive. Considerava que a maior divisão das pessoas não estava nas formas políticas, mas na questão social. O mais

¹⁰ Expressão que usa em 1835.

importante era saber se reinava o egoísmo ou o espírito de sacrifício, se a exploração a favor de alguns ou a consagração de cada um ao serviço de todos. É em 1836 que profeticamente anuncia a luta de classes que em 1848 o manifesto comunista lançaria:

«há muitos homens que têm demasiado e querem ter mais: há muitos mais que não têm nada e que querem tomar posição se não lhes é dado nada. Entre estas duas classes de homens uma luta se prepara e essa luta ameaça ser terrível: de um lado a força do ouro, do outro a força do desespero»¹¹.

Para responder à questão importa que os cristãos se interponham para criar a igualdade e fazer a caridade, porque a justiça só não o consegue. Compete aos católicos operar uma obra de regeneração, recomeçar a era dos mártires, dar a vida por Deus e pelos irmãos, oferecer tudo o que se recebeu.

O seu grito «Passemos aos bárbaros», lançado antes da revolução de 1848 é assim explicado nessa data:

«eu peço que em lugar de desposar interesses [...] de uma burguesia egoísta, nós nos ocupemos do povo que tem demasiadas necessidades e não bastantes direitos, que reclama com razão uma parte mais completa nos assuntos públicos, garantias para o trabalho e contra a miséria [...]. É no povo que eu vejo bastante resto de fé e de moralidade para salvar uma sociedade cujas altas classes estão perdidas»¹².

Aproximar a Igreja do povo, como fez com os bárbaros, é aspiração a criar uma sociedade nova.

Com clarividência extraordinária percebe as ameaças e a tentação de uma Igreja que volta a confundir trono e altar, de uma política que se queria arvorar em defensora da Igreja e encarregada de uma missão que Deus não lhe deu. Isso levaria à preguiça e ao desencorajamento dos cristãos. Eles é que têm o dever de lutar. Antevê, assim, em 9 de Abril de 1851, a política religiosa do Segundo Império¹³.

Reconhecendo que não é «homem de acção, nem feito para a tribuna nem para a praça pública faz parte da equipa fundadora da *Ere*

¹¹ 13 de Novembro de 1836. Cartas, I, p. 243.

¹² II, 191.

¹³ Lettres, 1925, II, p. 315-316.

nouvelle, favorável ao novo regime». Pretende uma 'reforma livre, progressiva, cristã' da sociedade.

Lamenta que os católicos se aliem à burguesia vencida em vez de se juntarem ao povo, «verdadeiro aliado da Igreja: pobre como ela, desprotegido como ela, abençoado como ela com todas as bênçãos do Salvador»¹⁴, como escreve ao seu irmão padre a quem exorta a ocupar-se tanto dos ricos como dos operários e a conhecer a imensa população, em vez de ficar na elite do rebanho.

Finalmente termino estes apontamentos referindo-me à instituição que Ozanam e um grupo de amigos pôs de pé: A Sociedade de S. Vicente de Paulo. Não lhe traço a história que muito bem conheceis. Saliento o seu significado no conjunto da vida de Ozanam.

Numa época de luta social Ozanam reabilitou o pobre, como filho de Deus e como homem e por isso merecedor de consideração e respeito. O combate social podia conduzir ao egoísmo e ao materialismo, fosse declarado, fosse larvar. É para responder a esta situação que se cria a Sociedade, como rede de amor, onde o pobre é considerado como enviado de Deus para provar a nossa justiça e a nossa caridade.

Ao distinguir entre assistência que humilha e assistência que honra, Ozanam torna a pessoa consciente, livre, através da educação religiosa, moral e política.

A Sociedade é 'Grande escola' para aprender a «única coisa inteligível, aceitável conciliadora para todos, uma coisa admiravelmente simples e infinita, eterna como Deus [...] a Caridade!»¹⁵.

Não é um partido, nem uma escola, nem uma confraria, que seja profundamente católica sem cessar de ser leiga¹⁶. Ozanam previne do farisismo que leva a tocar a trombeta, do excesso de práticas e de rigor que levaria ao relaxamento, do paleio sem acção e de hábitos burocráticos, que esqueçam a simplicidade humilde.

A vivência das Conferências Vicentinas não é simples ternura simpática para com os pobres; é verdadeira cordialidade próxima, feita de actos de serviço junto dos feridos pela vida, considerados companheiros num encontro que a ambos aproxima de Deus.

¹⁴ 23 de Março de 1848. Lettres, 1925, II, p. 204.

¹⁵ 11 de Abril de 1839, I, p. ?

¹⁶ Cf. 9 de Julho de 1839, p. 353.

O pobre é imagem de Cristo sofredor, como descobriu Francisco de Assis: é um irmão. O pobre fragilizado necessita de proximidade, como viveu S. Vicente de Paulo. Os cristãos fazem-se 'mediadores' pela caridade¹⁷. Esta caridade mediadora procura a fraternidade dentro de uma linha espiritual unificante.

A obra da vida de Ozanam obedeceu a um projecto: mostrar a verdade do Cristianismo e do papel da Igreja como fermento do mundo novo. As suas investigações históricas tiveram a profundidade para demonstrar a beleza da verdade do cristianismo perante os homens da ciência e das letras do meio universitário. A sua vivência familiar envolveu de ternura o árduo caminho da fragilidade quotidiana e o seu compromisso eclesial demonstrou a dignidade do contributo laical para a transformação da sociedade através do contacto directo com o povo pobre, com gestos eficazes e uma instituição que haveria de atravessar os anos. Permaneça com vigor evangélico a ser verdadeiro monumento vivo da memória de Ozanam.

CARLOS A. MOREIRA AZEVEDO

¹⁷ *Cahiers Ozanam*. 134 (1996) 6.

Abstracts

ALVES, Ângelo – *Anthropology and Religion. From religiosity as a man's essential dimension, to interreligious dialogue as a current need.* p. 3-14

Religion as a cultural and social phenomenon belongs to Anthropology. On the other side, Phenomenology and Religious Sciences study its own frame and dynamics. Philosophy defines religion as a typical human activity, coming from religiosity as a man's essential ability and dimension, which may be variously barred owing to educational, cultural and social agents. This religiosity is the reason of the universality, endurance and maintenance of the religious phenomenon and the common ground for today's necessary interreligious dialogue.

MARTO, António dos Santos – *Eucharist and Trinity. Eucharistic Dimension in Fatima Message.* p. 15-37

To understand the eucharistic dimension in Our Lady's message at Fatima, one must put it both into the global context of apparitions and in the immediate context of the message itself. The actual context was the First World War as a true symbol of general sin world. The nearer context is the revelation of compassionate God showing His Trinitary love towards man's suffering. Hence an effort to brighten eucharistic adoration and propitiative communion stressed at Fatima.

ROCHA, Georgino – *Deacons' permanent formation.* p. 39-66

Deacons' permanent formation springs now with new strength. Deaconry face begins to be looked upon as a Spirit's gift the Church wants to welcome as it belongs to ordained ministry and means a main style of its mission. Its profile shows a bridge-ministry within an "open doors" Church. It tries to grow faithful to Lord, making its revival through the blast of fresh air coming from social, cultural forces and sending christians like transforming agents to witness the kind of service after Jesus Christ.

To achieve this ministry and be at ease, the deacon must be helped by a kind of training to strengthen his personal or collective work. This process must give him a suitable ministerial ability as well as feed a constant joy shown through a